

CAPÍTULO I
UMA CIDADE PEQUENA

*Put thousands together
Less bad,
But the cage less gay.*
HOBBS¹

A pequena cidade de Verrières pode ser considerada uma das terras mais bonitas do Franche-Comté. As suas casas brancas, de pontiagudos telhados vermelhos, estendem-se pela encosta de uma colina coberta de vigorosos castanheiros, cujas copas assinalam as mais ínfimas sinuosidades do terreno. O Doubs corre algumas centenas de pés abaixo das suas muralhas, outrora construídas pelos espanhóis e hoje em ruínas.

Verrières está abrigada a norte por uma elevada montanha, um dos contrafortes do Jura. Os cumes recortados do Verra cobrem-se de neve logo aos primeiros frios de Outubro. Uma torrente, que se precipita da montanha, atravessa Verrières antes de verter o seu caudal no Doubs, pondo em movimento um grande número de serrações de madeira. Graças a esta indústria, a maior parte dos habitantes, mais aldeões do que burgueses, desfruta de um certo bem-estar, embora não tenham sido as serrações que enriqueceram a pequena cidade. É à fábrica de tecidos estampados, conhecidos por chitas de Mulhouse, que se deve a abundância geral que, após a queda de Napoleão, permitiu a reconstrução das fachadas de quase todas as casas de Verrières.

Mal se entra na cidade, fica-se de imediato atordoado pelo estrépito ensurdecedor de uma máquina barulhenta de aspecto terrível. Uma roda movida pela torrente levanta vinte pesados martelos que, ao caírem, produzem um estrondo tão forte que faz tremer o pavimento. Cada um destes martelos fabrica por dia uma infinidade de milhares de pregos. E são frescas e graciosas raparigas que submetem à acção destes enormes martelos os pedacinhos de ferro que rapidamente se transformam em pregos. Este trabalho, aparente-

mente tão rude, é um dos que causa mais estranheza ao visitante que pela primeira vez penetra nas montanhas que separam a França da Helvécia. Se, ao entrar em Verrières, o viajante perguntar a quem pertence aquela imponente fábrica de pregos que ensurdece as pessoas que sobem a rua principal, ouvirá responder com uma entoação arrastada: Ah! Essa fábrica pertence a Sua Excelência, o «*maire*»².

Por muito pouco que o viajante se demore nessa rua de Verrières, que vai da margem do Doubs até ao alto da colina, é de apostar cem contra um que verá por lá um homem corpulento com ar atarefado e importante.

Assim que ele chega à rua, toda a gente tira rapidamente o chapéu. Tem o cabelo grisalho e anda de fato cinzento. É cavaleiro de várias ordens, tem uma testa larga, nariz aquilino, e, no conjunto, a sua figura revela uma certa regularidade: talvez até se ache que, à primeira vista, reúne à dignidade do *maire* de província a aparência atractiva que ainda se pode ter aos quarenta e oito ou aos cinquenta anos. Mas o viajante parisiense não tardará a sentir-se chocado com um certo ar de arrogância, de mistura com um não sei quê de tacanhez e de falta de imaginação. Sente-se, em suma, que o talento desse homem se limita a fazer com que lhe paguem, rigorosamente, o que lhe devem, e a pagar ele próprio, o mais tarde que puder, aquilo que deve.

Assim é o *maire* de Verrières, monsieur de Rênal. Depois de ter atravessado a rua num andar compassado, entra na *mairie*, desaparecendo dos olhos do viajante. Mas, se este prosseguir o passeio, verá cem passos adiante uma casa de aspecto luxuoso e, através do gradeamento de ferro, ladeando a casa, um magnífico jardim. Para além da casa, vê a linha do horizonte formada pelas colinas da Borgonha, e que parece feita de propósito para recrear a vista. E esta paisagem faz-lhe esquecer a atmosfera pestilenta dos sórdidos interesses de dinheiro que vinha respirando e que começava a asfixiá-lo.

Informam-no de que aquela casa pertence a monsieur de Rênal. É aos avantajados rendimentos que retirou da sua lucrativa fábrica de pregos que o *maire* de Verrières deve a bela residência de pedra talhada, cuja construção está neste momento a terminar. Dizem que a sua família é antiga e de origem espanhola, e que se estabeleceu na região muito antes de Luís XIV a ter conquistado.

Desde 1815, envergonha-se de ser industrial; foi 1815 que o fez *maire* de Verrières. Os muros que suportam as diversas partes desse magnífico jardim que, de socalco em socalco, desce até ao Doubs, são também a recompensa da perícia de monsieur de Rênal no negócio do ferro.

O leitor que não espere encontrar em França esses pitorescos jardins que rodeiam as cidades fabris da Alemanha, como Leipzig, Frankfurt, Nuremberga, etc. No Franche-Comté, quanto mais muros se construírem e quanto mais pedras se empilharem à volta das propriedades, tanto mais direitos se adquirem ao respeito e à consideração dos vizinhos. Os jardins de

monsieur de Rênal, cheios de muros, são também admirados por ele ter comprado, a peso de ouro, certas parcelas do terreno que hoje ocupam. Por exemplo, a serração de madeira, cuja singular localização na margem do Doubs impressionou o visitante ao entrar em Verrières, e onde se vê o nome SOREL, escrito em gigantescos caracteres numa placa por cima do telhado, ocupava, seis anos antes, o lugar onde se ergue agora o muro do quarto terço dos jardins de monsieur de Rênal.

Apesar do seu orgulho, sua excelência, o *maire*, viu-se obrigado a fazer bastantes diligências junto do velho Sorel, camponês duro e teimoso; teve de lhe dar uma bela soma em luíses de ouro para o convencer a mudar a fábrica para outro lugar. Quanto ao ribeiro público que accionava a serração, monsieur de Rênal conseguiu desviá-lo, graças às influências de que gozava em Paris. Esta mercê foi-lhe concedida após as eleições de 182...

O negócio fez com que Sorel passasse a ter quatro arpentes de terreno em vez de um, quinhentos passos mais abaixo, na margem do Doubs. E, embora esta situação fosse muito mais vantajosa para o seu comércio de madeira de pinho, o *tio* Sorel, como lhe chamam desde que ficou rico, teve a arte de obter, à custa da impaciência e da mania da posse de que estava imbuído o seu vizinho, uma soma de seis mil francos.

É certo que o negócio foi criticado pelas cabeças sensatas da terra. Uma vez, num domingo, já lá vão quatro anos, quando monsieur de Rênal vinha da missa na sua farda de chefe do município, viu de longe o velho Sorel, rodeado pelos três filhos, que sorria a olhar para ele. Este sorriso foi um golpe fatal na alma do *maire* que, desde esse dia, pensa que teria conseguido a troca por um preço mais favorável.

Para se conquistar em Verrières a consideração pública, é essencial não adoptar, mesmo que se construam muitos muros, nenhum plano trazido de Itália por esses pedreiros que, na Primavera, atravessam as gargantas do Jura, a caminho de Paris. Semelhante inovação valeria ao imprudente construtor a eterna reputação de ser uma *má cabeça*, e ficaria para sempre desqualificado no conceito das pessoas sensatas e moderadas que no Franche-Comté decidem quem é digno da consideração social.

Para falar a verdade, as tais pessoas sensatas exercem ali o mais enfadonho *despotismo*. Por culpa desta palavra odiosa, torna-se insuportável a permanência nas terras pequenas para quem tenha vivido na grande república que se chama Paris. A tirania da opinião — e que opinião! — é tão estúpida nas cidades pequenas de França como nos Estados Unidos da América.

CAPÍTULO II

UM MAIRE

*A importância? O respeito dos tolos,
o pasmo das crianças, a inveja dos ricos,
o desprezo do sábio: isto não será nada,
senhor?*

BARNAVE

Felizmente para a reputação de monsieur de Rênal como *maire*, o passeio público que borda a colina, a uma centena de pés acima do curso do Doubs (e a cuja admirável situação se deve uma das mais pitorescas paisagens de França), precisava de um enorme muro de suporte. Acontecia que todos os anos, ao chegar a Primavera, as águas da chuva abriam sulcos no pavimento e enchiam-no de ravinas que o tornavam impraticável. Este inconveniente, que todos sentiam, deu a monsieur de Rênal a abençoada obrigação de imortalizar a sua administração com uma muralha de vinte pés de altura e trinta ou quarenta toesas de comprimento.

O parapeito desta muralha, por causa da qual monsieur de Rênal teve de fazer três viagens a Paris, visto o penúltimo ministro do Interior se ter declarado inimigo figadal do passeio de Verrières, eleva-se agora a quatro pés acima do solo. E, como que para desafiar todos os ministros presentes e passados, estão neste momento a guarnecê-lo com pedra de cantaria.

Quantas vezes, sonhando com os bailes de Paris abandonados na véspera, com o peito encostado a esses grandes blocos de pedra de um belo cinzento-azulado, os meus olhos mergulharam no vale do Doubs! Mais além, na margem esquerda, serpenteiam cinco ou seis vales no fundo dos quais a nossa vista distingue bem os pequenos regatos que, depois de terem corrido de cascata em cascata, são engolidos pelo Doubs. O Sol queima nestas montanhas; quando cai a prumo, o viajante pode sonhar neste terraço à sombra dos seus plátanos magníficos.

O seu rápido crescimento e a sua verdura a atirar para o azul são devidos à terra que o *maire* mandou pôr por detrás do enorme muro de suporte, visto que, apesar da oposição do conselho municipal, alargou o passeio para mais de seis pés (embora ele seja ultramontano e eu liberal, não deixo de o louvar por esta iniciativa); é por isso que, na opinião dele e na de monsieur Valenod, o feliz director do asilo da mendicidade de Verrières, este terraço não fica atrás do de Saint-Germain-en-Laye.

Quanto a mim, só tenho uma coisa a censurar ao *Passeio da Fidelidade* — designação oficial que se lê em quinze ou vinte placas de mármore espalhadas por outros tantos lugares da cidade, e que valeu mais uma condecoração a monsieur de Rênal — é a maneira bárbara como a autoridade mandou podar e tosquiar os vigorosos plátanos. Em vez de se assemelharem, com as suas copas baixas, redondas e achatadas, a vulgares árvores de um pomar, poderiam ter essas formas magníficas que se vêem em Inglaterra. Mas a vontade do *maire* é despótica, e duas vezes por ano todas as árvores que pertencem à comarca são impiedosamente amputadas. Os liberais da terra pretendem, mas é exagero, que a mão do jardineiro oficial se tornou muito mais pesada desde que monsieur Maslon, o vigário, se habituou a apoderar-se dos produtos da tosquia.

Este jovem eclesiástico foi enviado de Besançon, há alguns anos, para vigiar o abade Chélan e alguns curas das redondezas. Um velho cirurgião-mor do exército de Itália, retirado em Verrières, e que tinha sido, ao mesmo tempo, na opinião do *maire*, jacobino e bonapartista, atreveu-se um dia a queixar-se-lhe da mutilação periódica dessas belas árvores.

— Gosto da sombra — respondeu monsieur de Rênal no tom de superioridade adequado para falar a um cirurgião, membro da Legião de Honra, — gosto da sombra, mando podar as *minhas* árvores para darem sombra, e não concebo que uma árvore sirva para outra coisa, sobretudo quando, ao contrário, da útil noqueira, não serve para me *dar lucro*.

Eis a palavra sacramental que tudo decide em Verrières: *dar lucro*. Representa só por si o pensamento habitual de mais de três quartos dos seus habitantes.

Dar lucro é a razão que tudo decide nesta pequena cidade que nos parecia tão bonita. O estrangeiro que aqui chega, seduzido pela beleza dos frescos e profundos vales que a rodeiam, imagina a princípio que os seus habitantes são sensíveis ao belo, já que estão sempre a falar da beleza da terra: não se pode negar que lhe atribuem grande importância, mas é por ela atrair alguns forasteiros cujo dinheiro enriquece os estalajadeiros, coisa que, com o mecanismo de imposto, dá rendimento à cidade.

Num belo dia de Outono, monsieur de Rênal passeava no *Passeio da Fidelidade*, de braço dado com a esposa. Enquanto escutava o marido, que falava em tom sério, o olhar de madame de Rênal seguia com inquietação os